

A Impureza do Sentido

Narrativas de
Hélio Sequeira
Maria Kopke
Bruno Mourato
Ana C. Rafael

Prefácio de
Nuno da Rocha

Ilustração de
Jorge Caseirão

Edição de
Ângela Correia

Lisboa | 2019



ISBN 978-0-359-68152-5

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA



Índice

Prefácio | Nuno da Rocha

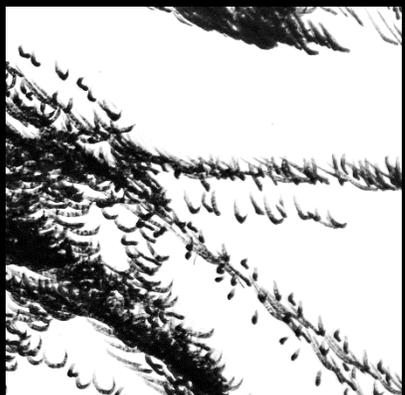
Um elevador e um quarteto | Hélio Sequeira

Opostos | Maria Kopke

O falso equilibrista | Bruno Mourato

Repete | Ana C. Rafael

Posfácio | Ângela Correia





Prefácio

Nunca alguém conseguirá dizer o que está na Arte, ou o que é a Arte, porque ninguém sabe bem o que é a Arte, e o que não é. Conhecemos o fundo da sua existência, mas a linguagem verbal não habita no mesmo plano, por isso esta trata de nos baralhar numa aparente teia de conceitos, de terminologia e de metáforas. A própria linguagem verbal é, em si mesma, uma metáfora, pois qualquer comunicação através dela será sempre «meia-verdade», como este texto. E como o quarteto de textos que integram este livro. É esta impureza que me aproxima e que me afasta da literatura. É esta impureza que me fez ser hoje compositor, para não a viver; mas que consegue proporcionar momentos de suspensão no tempo, como quando abro um livro de poesia do Tolentino, por exemplo.

No entanto, sinto que toco com as minhas mãos na Arte (como se fosse possível este gesto físico; na matéria é possível, mas na dimensão da sua consequência nunca, creio), quando o



objeto artístico me esmaga, pouco ou muito, não importa, mas quando, de certa forma, se mostra maior do que eu, quer na sua presença, quer no seu espaço temporal. É impossível não ficar esmagado depois de ouvir uma canção do Fausto, pela sua organização da beleza, ou depois de ouvir a *Missa em Si Menor* do Bach, pelos séculos que atravessou até nós. De certa forma, só a Arte consegue ser do tamanho do universo, tudo o resto é poeira. Querer tocar na Arte é a única forma de sermos menos poeira, alcançando por ela estados extremos de felicidade e de infelicidade.

Mas é uma Guerra. Eu sinto que me mato aos poucos, a cada criação. Que um dia não haverá mais corpo. Com tanta vida dissipada.

Afinal, a Arte mata também.



Contrariar a organização que o nosso cérebro tenta encontrar em tudo é a única forma de fugirmos à «morte». Por isso, um criador que não tenta desorganizar (criar), mas só organizar (fazer), está a roubar vida para ele próprio, não está a oferecer a sua. Stockhausen deu a dele. Neste livro, o Hélio, a Maria, o Bruno e a Ana deram as deles.

E depois há a beleza...

Mas é uma Guerra.

**Um elevador e
um quarteto**

Hélio Sequeira



Estava no átrio do prédio à espera do elevador. Quando a porta se abriu, ouvi a voz de um homem atrás de mim.

— Espere, se faz favor!

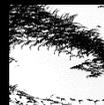
Ele entrou no elevador e a porta fechou-se. Trazia um fato azul, gravata vermelha; usava o cabelo curto e um bigode fino. Tinha uma constituição forte e uns olhos verdes que me examinavam. Estendeu a mão e carregou no botão de emergência.

Avançou na minha direção, levantou-me a saia e ficou a olhar fixamente para as minhas pernas. Fiquei suspensa.

Depois, carregou no botão do sétimo andar e esperou, de costas voltadas para mim. Quando a porta se abriu, ele saiu. Respirei.

Percorri o corredor até ao meu apartamento, abri a porta, entrei. Na casa de banho, tirei a roupa e tomei um duche. Deixei-me ficar de pé, com a água muito quente a correr pela parte de trás do corpo.

Na noite seguinte, entrei no elevador e subi sozinha. Subi até ao décimo andar e saí. Depois voltei a entrar no elevador, desci até ao átrio, sentei-me e esperei. Vi-o entrar. Trazia o mesmo fato azul, mas com uma gravata amarela. Quando entrei no elevador, ele seguiu-me. Subimos e ele carregou no botão de emergência. Desta vez, levantou-me



o cabelo e ficou a olhar-me fixamente. Demorou mais tempo. Depois, carregou no botão do sétimo andar e esperou, de costas voltadas para mim. Quando a porta se abriu, ele saiu. Respirei.

Percorri o corredor até ao meu apartamento, abri a porta, entrei. Fui para o meu quarto, veio a hora de dormir e fiquei deitada na cama, acordada; tive pensamentos aleatórios: o amplo céu azul, a Terra lá em baixo. Aceitei os meus pensamentos. Depois adormeci.

De manhã, saí da cama, vi o dia a levantar-se, o sol a mostrar-se. Do apartamento mais alto de todos, olhei a cidade que acabava onde ninguém a via.

Tinha fome. Fiz um café e umas torradas. Comi. Depois fiquei à escuta. Escutando, via o corredor através da porta fechada. Era domingo, o prédio estava silencioso. Um silêncio persistente.

Permaneci de pé, imóvel, durante horas; o juízo tomava uma feição isolada e afastava-se.

Resolvi vestir-me, peguei na mala e saí para a rua, para o ar livre. Vi um banco verde afastado da porta do prédio; sentei-me. Fiquei a ver se o via.

Às 14 horas em ponto, avistei-o à porta do prédio; senti o coração a bater através do corpo todo. Não estava sozinho, vinha acompanhado de duas mulheres; iam entrar.



Levantei-me, agarrei na mala e corri para a porta do prédio.
Entrei no átrio do prédio e, antes de a porta do elevador se
fechar, disse:

— Esperem, se faz favor!

Subimos os quatro; desta vez, fui eu que carreguei no
botão de emergência.



Opostos

Maria Kopke



«Dizem que os opostos se atraem. É verdade. Mas atraem-se de uma forma pouco sustentável.»

O Ricardo ofereceu-se para me dar boleia até casa, depois de um jantar de aniversário, e, quando ficámos sozinhos no carro, aproveitei para lhe perguntar como se estava ele a sentir. Não teria sido apropriado fazê-lo à frente dos outros.

Acabado de sair de uma relação longa, entretido com o caos da vida profissional, ainda não tinha tido tempo para decifrar o enigma emocional que lhe ocupava agora todo o cérebro. A distância entre o restaurante e a minha casa não

foi suficientemente longa para que ele tivesse o tempo de ordenar todas as pistas. Estacionou então à minha porta, e ficámos os dois no carro. Ele investigava-se, e eu assumia o papel de Watson; tanto que só me resta agora escrever sobre o que sucedeu.

«Conheces o quarteto dos helicópteros?»

Respondi que não.

«É uma obra do Stockhausen. Foi escrita para ser tocada dentro de helicópteros no ar, cada músico num, e o som das hélices faz parte da obra. Eu não sou grande fã destes devaneios artísticos dos compositores modernos, tu sabes. Mas conheci isto no mesmo mês em que eu e o Tomás



começámos a namorar, e fez muito sentido para mim. Não a música propriamente dita. Mas a forma como, independentemente do meu gosto pessoal, a coisa funciona. Ninguém diria que é adequado juntar instrumentos de cordas com helicópteros. Um violoncelo pode produzir muito boa arte, mas não tem nenhuma utilidade prática. E um helicóptero é um meio de transporte muito competente, mas não é um objeto artístico. E, no entanto, ali, os dois conjugam-se de forma perfeita.

Eu e o Tomás éramos assim, no início. De mundos diferentes. Não nos interessávamos pelas mesmas coisas. Não tínhamos o mesmo sentido de humor. Quando discutíamos, eu era quase só racional, e ele era quase só

emocional. Éramos metades de frutas diferentes. Ou, vá, eu era um helicóptero e ele era um quarteto de cordas.

Mas ele fascinava-me. Eu queria fazer tudo ao meu alcance para conhecer o universo dele. E sei que ele sentia o mesmo por mim. Nós bebíamos um do outro, e íamo-nos conhecendo, vendo o que havia dentro de cada um. E era assim. No início.

Agora, pensa nisto: o Stockhausen escreveu esta obra, para cordas e helicópteros, e, apesar de todas as regras e todo o bom senso, que nos dizem não haver nenhuma lógica em juntar cordas e helicópteros, a obra funciona. Mas mais alguém escreveu uma obra para cordas e helicópteros? O próprio Stockhausen fá-lo-ia outra vez? Em



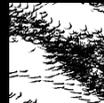
alguma outra ocasião, sem ser esta, poderíamos voltar a juntar estes dois elementos? E, se o fizéssemos, poderíamos esperar um resultado tão harmonioso como este? Bom, não podemos fazer nada senão supor. Mas suponho que não.

Nos últimos anos, eu e o Tomás já não funcionávamos com a mesma harmonia. A partitura chegou ao fim e nós fingimos que não vimos. Os helicópteros aterraram, os músicos puseram os pés na Terra, mas nós não. E deixámos de conseguir andar na mesma direção sem enormes sacrifícios de ambas as partes. Fomos perdendo muito de nós próprios, para conseguirmos encaixar um no outro.

Acho que, neste sentido, terminar a relação foi o melhor a fazer. Agora estamos livres para as nossas funções. O que é bom. O problema...»

Fiz a mesma dedução que ele. Não era o fim do enigma, mas era um ponto fulcral. Resolvi não mostrar que já sabia o fim da frase. Deixei-o terminar.

«O problema é que eu já não sei qual é a minha função.»



**O falso
equilibrista**

Bruno Mourato



A procissão ainda vai no adro e as pernas do rapaz já tremem como cordas de violino. Pensa que não deveria ter acertado, mas agora está em cima da alta plataforma de ferro, unida a outra idêntica por um longo passadiço. Não há volta a dar. O ecrã onde aparece em grande plano mostra a testa coberta de suor e os olhos húmidos e trémulos fitando em volta numa tentativa de assimilação: lá em baixo, a plateia, a apresentadora e a equipa técnica — todos perigosamente pequenos. A ponte que terá de

atravessar tem cerca de 20 metros, assim lhe disseram; estreita-se à medida que avança e, já no fim, alarga-se de novo, oferecendo, caridosa, amparo ao concorrente que a atravesse. Por cima dela, ligadas por fios ao teto, pendem quatro bolas que tem de apanhar e meter num saco a tiracolo; por baixo, uma rede de segurança — cair nela estava fora de questão: estatelar-se no chão e morrer seria derrota mais honrada.

Não sabia que o último desafio seria assim; de outra forma, talvez não se tivesse inscrito. Mas agora nada disso interessava. A outra plataforma, alguns metros à frente, era uma caverna com tesouros, um oásis no meio da aridez



que até ali fora a sua vida, a ver todos os outros a florescer enquanto ele se enterrava mais e mais. Acertar não tinha sido um erro: tinha agora a chance de deixar de ser um estorvo na casa dos pais, de em pouco tempo reduzir a sua insignificância a uma memória; à vista de milhões de pessoas, provar-lhes que estavam erradas. Não pode ser assim tão difícil; não tanto como arranjar um emprego.

A pergunta final colocou-o lá em cima. «*Saturno Devorando o Seu Filho* é uma das pinturas negras de que artista?» O tom de voz da apresentadora era deliberadamente grave. Isolava cada palavra para carregar a tensão à volta deles. «Rubens, Delacroix, Goya ou Fragonard». «Goya», respondeu. Não tivera de revirar o cérebro por nenhuma

das respostas. Olhou-a com fixidez e, passados momentos, a boca dela dobrou-se num sorriso satisfeito de confirmação. «O Xavier chegou à última etapa do *Brain & Brawn*, o programa de cultura geral em que não só a destreza mental mas também a aptidão física o podem levar a ganhar os mais extraordinários prémios. Esta noite, o nosso concorrente poderá ganhar os 50 mil euros que temos para oferecer! Voltamos, após um curto intervalo, para a prova final.»

Não lhe pareceu tão curto assim.

«Comece.»

Dá o primeiro passo sem o perceber; acontece o mesmo com os seguintes, como se caminhasse num sonho,



percorrendo um quarto do percurso; apanha a primeira bola sem dificuldade, com aparente confiança. O instinto fá-lo olhar para os rostos que o fixam e baixar o olhar para o chão distante, o que o leva a perder o equilíbrio; recupera-o com um movimento atrapalhado dos quadris. Deixa de agir maquinalmente; agora, ocupa-o um agudo instinto de sobrevivência e regressa a compreensão do risco da situação. Um esgar de medo toma-lhe persistentemente a face. Caminha ofegante e com cautela sobre o passadiço que se estreita. Toca na segunda bola sem a agarrar; ela move-se como um pêndulo. Aflito, espera que pare para a agarrar e segue em frente. Primeiro um pé, depois o outro. E outro. Mais um. Outro. Nenhum.

Tropeça.

Cai na rede, indefeso. Não consegue mexer-se. Uma mosca capturada numa teia de aranha. Por cima dele, as luzes são círculos difusos que volteiam. Sente-se humilhado e exposto, embora não veja a plateia dali. Parece que, afinal, terá mesmo de arranjar um emprego.



Repete

Ana C. Rafael



Um, inspira. Dois, expira. Três, repete.

A caneta oscilava nas mãos. O ruído enervante de plástico a bater em pele não chegava para abafar o som da minha trémula voz mussitada.

Quatro, expira. Cinco, inspira. Seis, repete.

Já conseguia sentir os julgadores olhos pregados em mim. À espera da próxima palavra para avaliarem; para sentenciarem o livro como ridículo. Para me catalogarem como ridícula.

Sete, inspira. Oito, expira. Nove, repete.

Não conseguia. Não conseguia. Não saía nada. Não saía nada. Por que não saía nada?

Olhei para o relógio. Outra vez. Já sentia os olhos marejados, embora soubesse que não sairia nada. Afinal este obtuso ritual já acontece há uns anos e nunca saíra nada. Ele dissera-me que o prazo estava a acabar há míseras semanas e ainda me faltava quase metade do estúpido livro que parecia não querer ser escrito. Voltei a encarar o ecrã brilhante do computador como se o capítulo aparecesse solidariamente digitado sozinho. Desfoquei o olhar nas letras aleatórias em que as mãos decidiam carregar.



Respirei fundo. A cabeça bateu na parede. O exasperante relógio não parava. Esfreguei os olhos e massajei a cabeça. Deixei um comprimido cair no copo e fiquei a ver a efervescência, até esta se desfear na calma água que era antes.

O cérebro esforçava-se por funcionar. Pôr as engrenagens a operar, mas, à semelhança de um relógio danificado, faltava o óleo, a suavidade. As palavras substituíam-se apressadamente, não conseguia recolher nenhuma. Apagar e escrever; escrever e apagar. Soltei um bélico ruído quando parti a caneta sem querer. Como acabar aquilo?

Senti a respiração apressurar-se e, com impetuosidade, agarrei a cadeira; cravei as unhas na desgastada madeira e tentei dominar a respiração.

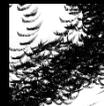
Um, inspira. Dois, expira. Três, repete.

Eu nunca servira para nada. Nem para escrever este estúpido livro. Já fui suplantada. Nunca mais conseguiria escrever ao mesmo nível que escrevera antes.

Quatro, expira. Cinco, inspira. Seis, repete.

Precisava de ar. Despi o casaco freneticamente, atirei-o para o chão e cambaleei até à varanda.

Sete, inspira. Oito, expira. Nove, repete.



Como ficou tanto calor dentro do quarto?

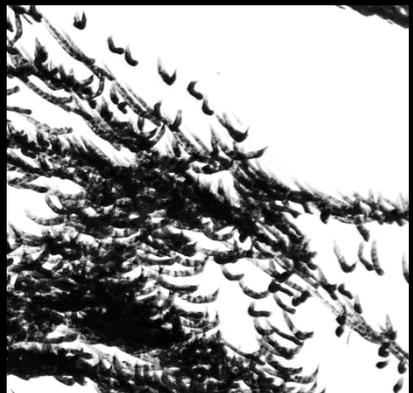
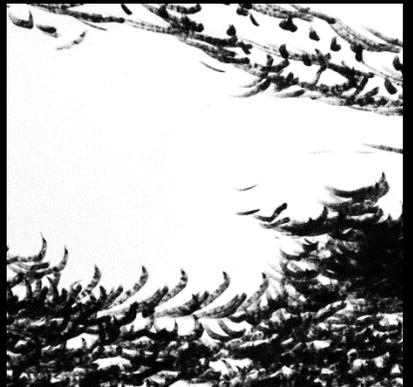
Observei os carros a passarem na rua, a rasante neblina molhava-me a face. Só quero chegar ao fim. Preciso de chegar ao fim. Descobrir a conclusão. Ver se conseguirei acabar esta obra ou se ficará presa num ecrã brilhante. Com o ponteiro a piscar, a desafiar-me, a atormentar-me para acabar o maldito livro. Com o ponteiro a pedir para que mais uma palavra seja dita, espicace as regras, me faça enamorar de novo pela escrita.

Inspirei o cortante ar frio. Voltei a olhar para o ecrã brilhante do computador. Os dedos pousaram em incessantes letras aleatórias.

Um, inspira. Dois, expira. Três, repete.

Eu não consigo. Eu não consigo. Eu não consigo.





Posfácio

Foi a leitura de «Poesia pura», de M. S. Lourenço, que me trouxe à memória o *Helikopter-Streichquartett* de Karlheinz Stockhausen. No artigo incluído em *Os Degraus do Parnaso* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2002, 35-40), o autor cita Walter Pater, segundo o qual toda a arte aspira a alcançar o estatuto de Música: assim mesmo, com inicial maiúscula. Lourenço refere depois a dificuldade da arte literária nesta aspiração, decorrente de usar material — a linguagem — também usado no trato comum. Ou seja, o espinho de as palavras, dotadas de som, serem também dotadas de sentido. A circunstância de o sentido orientar o uso corrente da linguagem e de esta permanecer marcada pelo uso que lhe é dado no trato comum.

Em «Poesia pura», M. S. Lourenço ocupa-se então de formas de suspensão do sentido da linguagem, para a elevar à condição de material de arte. Diz o filósofo que se trata de caminho, ou esforço, para alcançar um bem de que a música dispõe *ab initio*. Foi precisamente quando



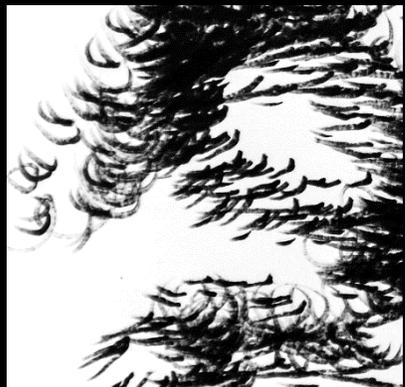
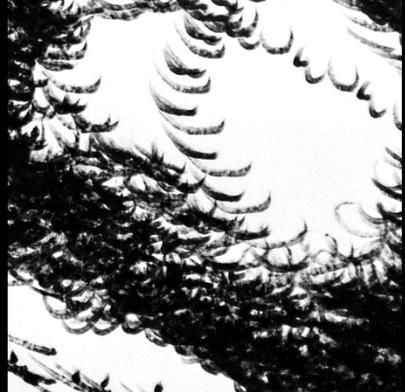
li isto que comecei a ouvir as hélices dos helicópteros de Stockhausen. O som comum, pertencente à linguagem urbana do mundo, dotado de sentido por associação, que o compositor integrou na partitura criada para uma *performance* descrita ao pormenor.

Em 1992, o músico alemão (1928-2007) foi convidado a compor um quarteto de cordas para apresentar num festival em Salzburg. A ideia não lhe agradou, porque lhe desgostava a composição condicionada por formas previamente determinadas. Mas, segundo contou, teve depois um sonho em que viu os quatro músicos de um quarteto de cordas a tocar, cada um dentro de um helicóptero e, em terra, as pessoas a verem-nos através de vídeos projetados em monitores forrando paredes. Escreveu então a peça para a integrar na ópera que tinha entre mãos, e falou ao diretor do festival de Salzburg sobre a possibilidade de a apresentar ali. Surpreendentemente, a ideia foi acolhida com entusiasmo. Múltiplos esforços se empreenderam no sentido de obter as autorizações necessárias para fazer os helicópteros



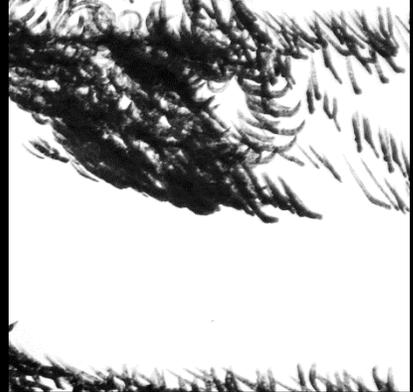
sobrevoarem Salzburg, subirem e descerem com os músicos, conforme as instruções do compositor. Esbarrando na resistência das autoridades, a direção do festival não conseguiu, no entanto, viabilizar o espetáculo. Só em 1995, noutra festival, em Amsterdão, o quarteto foi executado pela primeira vez.

As pás dos helicópteros em voo funcionam como caixa rítmica, e os músicos têm de executar a peça enquanto se articulam à distância e em suspensão. O público acede através de vídeo, devendo os helicópteros voar suficientemente alto para que não se sobreponha nenhum som direto. A peça compreende também uma componente visual. É o próprio compositor que a impõe ao referir, na descrição da *performance*, que o público deverá sempre ver, nos ecrãs, os músicos nos helicópteros, assim como a Terra através dos vidros dos *cockpits* («Behind each player, the earth can be seen through the glass cockpit of the helicopter»). Na ambição de integrar elementos tradicionalmente alheios à lógica musical, esta peça é musicalmente



marcada pelas componentes que, estando para lá do som, tocam a emoção humana, sem passar pela linguagem, por nenhuma linguagem; mas pela presença no espaço, pelo movimento dos corpos humanos (e respetivas extensões) no planeta Terra. Dela faz parte a angústia da distância em que os músicos têm de se articular, a ansiedade da suspensão em que tudo acontece; a luz própria da altitude.

No inverno de 2018, propus aos meus alunos de Escrita Criativa a composição de uma narrativa atravessada pelo *Helikopter-Streichquartett* de Karlheinz Stockhausen. O artista plástico Jorge Caseirão não foi ilustrador das narrativas, na medida em que não lhes teve acesso: apenas ao mesmo enunciado que as provocou. Nem escritores nem artista plástico souberam do ponto de partida que foi o texto de M. S. Lourenço. Este livrónico é, portanto, o lugar de encontro e articulação dos textos e das imagens que a peça musical de Stockhausen provocou, mas também deste texto que fala do caminho até ela. O modo de criação das



imagens não é indiferente. Porque Caseirão usa uma bateadeira de bolos a que prendeu um conjunto de minas de carvão para com elas criar, no desenho, a impressão de movimento e suspensão. E nada disto acontece sem um som invocador. O leitor curioso poderá observar a criação destes desenhos, com som, [aqui](#). O compositor Nuno da Rocha, já conhecedor do conjunto, juntou-lhe a inestimável perspectiva do compositor, que reconhece na literatura a impureza capaz de afastar para a música e de atrair para a suspensão momentânea.

Para o escritor e para o editor de originais com a indispensável consciência da linguagem literária, o sentido é parte que se dispõe prevendo efeitos, no mesmo gesto reflexivo com que se dispõe o som, prevendo efeitos. Suspender o sentido da linguagem, por mais que a história nos tenha legado extraordinários exercícios deste esforço, será menos uma libertação da linguagem que um espartilho. Talvez a integração em peças musicais de sons marcados pela utilidade nada demonstre sobre o desejo de sentido da música. Ou sobre a



disponibilidade para lidar com o sentido, dispensado na música *ab initio*. Talvez nada haja a demonstrar. Mas há na peça de Stockhausen uma afirmação artística pela impureza, que me tranquiliza.

A Impureza do Sentido

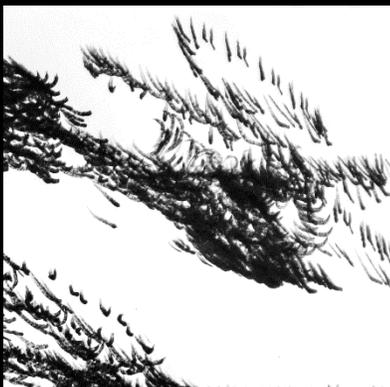
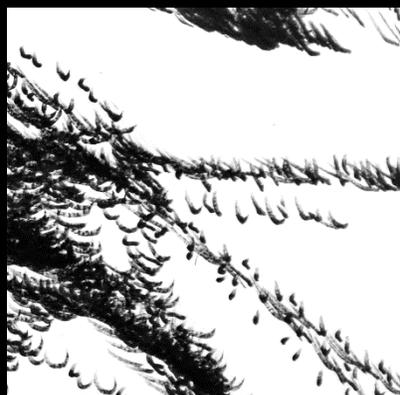
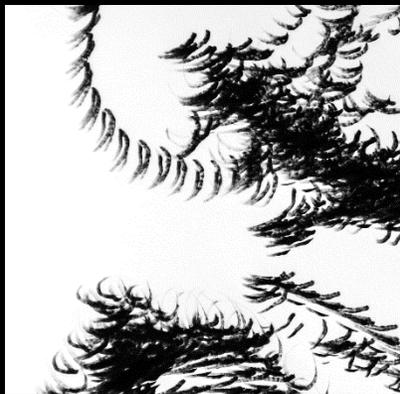
Narrativas de
Hélio Sequeira
Maria Kopke
Bruno Mourato
Ana C. Rafael

Prefácio de
Nuno da Rocha

Ilustração de
Jorge Caseirão

Edição de
Ângela Correia

Lisboa | 2019



Lisboa | 2019

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA